

Neste livro, Orlando Barros introduz-nos a uma variedade de personagens muito peculiares que nos transportam para Viana do Castelo, onde alguém morreu. O cadáver quer contar a sua história, mas será que os vivos o estão a ouvir?

Tão cedo não me esquecerei desta dupla de inspetores, com sotaque do Norte e um mistério por resolver, a Ximenes e o Cardeira.

— **Mafalda Fernandes** —

aoutramafalda.blogspot.pt/

Orlando Ferreira Bastos revela o quotidiano vianense, durante uma investigação policial liderada por uma dupla de inspetores completamente improvável, numa narrativa com uma escrita vertiginosa, carregada de elementos culturais assumidamente nortenhos (e não só), que espelha o acentuado *gap* geracional da região.

— **Vasco Santos** —

youtube.com/creepysantos

Um policial que nos agarra com as suas personagens caricatas e muito bem descritas. Não é só um crime que nos envolve em toda esta história: é um enredo cómico com expressões do Norte que nos fazem soltar umas valentes gargalhadas.

— **Raquel Copeto** —

[@my_life_library_](https://twitter.com/my_life_library_)

NARRATIVA PÓSTUMA DE UM
CADÁVER AFOGADO EM
NEVOEIRO

orlando ferreira barros



Trebaruna

FICHA TÉCNICA

Título: Narrativa Póstuma de um Cadáver Afogado em Nevoeiro
Autor: Orlando Ferreira Barros
Coordenação editorial: António Catarino, Carolina Sousa e Pedro Cipriano
Edição: Sara de Athougua Filipe
Revisão: Carolina Sousa e Rita Marques
Artista de capa: Ariana Parrilha
Composição: Ariana Parrilha
Foto do autor: Ana Maria Barros

ISBN: 978-989-9035-87-4

1.ª Edição: Fevereiro de 2022

©2020 Edições Trebaruna
©2020 Orlando Ferreira Barros
©2020 Ariana Parrilha

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Edições Trebaruna
Nirvana Studios, Custom Ville B
Estrada Militar de Valejas, n.º 66
2730-226 Barcarena, Oeiras, Portugal
Website: <https://trebaruna.pt/>
E-mail: geral@trebaruna.pt
Telefone: 962 083 369

Esta obra segue o Acordo Ortográfico de 1945

Colecção Noctibus n.º 2

Para o Martim e a Paz — pois para quem havia de ser?

PRIMEIRO DIA - AMANHECER

Os animais de sangue-frio são os únicos que têm veneno.
(In Manual da Raiva e Outras Vontades para Odiar)



Terça-feira, 11 de Outubro de 2016
6h37, Covão da Meadela

Frente ao boqueirão escuro da alvorada, chegou às orelhinhas de Joel Talina o ronronar agastado de um carro, lá para cima, para a serra. O som estava longe, pareceu-lhe. Mas o silêncio espesso da noite e a brisa ténue que soprava do lado do mar traziam-no até ele como se estivesse ali, a poucas dezenas de metros. Também a neblina a funcionar como uma caixa-de-ressonância, uma neblina húmida, peganhenta, a introduzir-se nas roupas, a roçar os ossos.

6h37 de um alvorecer sombrio.

Outubro começara com uma semana de chuvadas hostis que atiçaram enxurradas, inundações, deslizamentos de terra e alertas tridimensionais da Protecção Civil. As almas amedrontadas ergueram as mãos aos céus e prometeram não falhar nem mais uma missa e limpar a consciência dos pecados mais temerários.

Um motor a trabalhar não seria nada raro, não fossem as horas que eram de uma terça-feira triste, encerrada numa névoa cega que assentava sobre uma plácida cidade do litoral norte. A obscuridade quase impenetrável estorvava, é certo, mas Joel Talina conhecia o trilho escorregadio que percorria há muitos anos. Tinha chegado a casa há pouco menos de meia hora, depois de dois turnos consecutivos como maqueiro nas urgências do hospital, prolongados por mais cinco horas arrastadas. O colega Chico Fragoso, com quem andava enfurecido, mais uma vez não o viera render na mudança de turno.

— Podias ter-me avisado, Chico! És o cabrão do costume.

— *Vai-t'a merda.*

A desembaraçada Galinhita já tinha preparado uma bucha e uma cafeteira com café, esperando, sisuda e calada, novas ordens do patrão. Como de costume, aguardava encostada à ombreira da porta da cozinha, os braços anormalmente compridos ao longo do corpo enfezado. A Galinhita não tinha outro nome, não tinha idade, nunca soltou uma palavra, a não ser um som parecido ao cacarejo cavo de um galináceo com gogo. O estranho é que era uma muda que ouvia, ou pelo menos tinha momentos em que parecia ouvir. Ou adivinhava. Há muitos anos, a mãe de Joel Sordo Talina, a viúva Anunciação das Boas Incumbências, tinha-a pilhado dentro do capoeiro, toda cagada com a merda dos galináceos. Vinha estranhando o desaparecimento da farelada para as galinhas em menos de um ámen e que elas próprias comessem os ovos deixando as cascas. Afinal, era a Galinhita na sua clausura.

Não tinha mais de quinze anos, presumia-se. A viúva calou-se ao topar a assombração a um canto do galinheiro. Ficou com ela para sempre, não por um impulso bondoso do seu coração, mas porque já começava a ter uma gordura opulenta de cetáceo. E precisava de uma serva obediente e submissa. Alguém para todo o serviço e que nunca manifestasse a mínima contrariedade.

Joel comeu a bucha, bebeu o café, mudou de roupa empestada pelo cheiro a desinfetante hospitalar. Foi direito ao quarto, no interior da casa, com uma janela baixa e desafogada por onde podia saltar em caso de necessidade. Vestiu o camuflado que trouxera da campanha da tortura abrasadora do Afeganistão, calçou as botas militares, certificou-se de que tinha o telemóvel consigo. Do fundo de uma gaveta retirou um pano com um objecto embrulhado: uma réplica da AK-47, a sua arma de pressão de ar quitada, com chumbos 4.5. Ia caçar coelhos à revelia da lei.

A Galinhita não arredara pé, silenciosa, os olhos atentos, solícitos para uma qualquer ordem. Vivía para agradar àqueles que a resgataram da capoeira.

Do quarto da mãe ele ouviu o recado:

— Tem cuidado, Joel — recomendou, ensonada, interrompendo o ronquejar fragoroso de obesa. Uma viuvez prematura, à conta do longínquo suicídio do marido, fizera-a azeda e descrente de Deus, um Deus que ela qualificava de *analfabro*.

— Analfabro. — Apreciava repetir a viúva Anunciação das Boas Incumbências com a escrupulosa serenidade de alguém habituado à exasperação.

O filho não tinha chegado às horas do costume, isto é, meia-noite e picos, depois do turno.

— Durma — ordenou o filho, secamente, quando já se preparava para sair.

— Porque vieste tão tarde? Estava cheia de aflições. Foi outra vez o Chico?

— Foi.

— És um lorpa chapado, Joel — deixou escapar sem escrúpulos.

— Mãe, não me chame isso — repontou sem rancor, com uma espécie de ternura.

— Não te tem respeito. Havia de ser comigo, havia — ameaçou. Depois, mais alto, chamou, vencendo o atoleiro do sono. — Joel.

— O que foi agora, senhora?

— Tu toma-me cuidado — avisou, temerosa. — Já sopram os ventos da desgraça.

Joel sentiu um vazio gelado nos rins.

Anunciação das Boas Incumbências tinha a capacidade de falar durante o sono, enredada em sonhos premonitórios. Era afectuosa com o filho, também dominadora, grande e obesa, possuidora de umas nádegas descomuns. Desde que enriquecera à conta dos negócios encobertos de Joel, dormia numa cama de dossel à prova dos maiores corpos da humanidade. Vestia roupa como a das rainhas do passado, deslocava-se numa cadeira de rodas eléctrica, com a solenidade de quem está sentada num trono.

A Galinhita dormia poucas horas. Aparentava estar doentamente magra, enfiada num vestido de chita estampado, o cabelo raramente penteado caía-lhe sobre os ombros em repas por aparar. Não tinha um metro de altura, a pele enrugada de anciã, os pés nus, cascudos. Os braços eram como tentáculos de polvo, demasiado compridos para aquele corpo de humanóide. Tinha uns olhos grandes, desconfortáveis para quem lhes pusesse a vista em cima, olhos cuja magreza do rosto acentuava o tamanho.

Velava pela casa, pela limpeza e higiene, atenta a um qualquer grão de pó que os seus olhos felinos descobrissem. Preparava refeições, obedecendo ao cardápio mais exigente que a patroa lhe ensinara, sem que alguma vez tenha ouvido um ralhete por uma qualquer asneira gastronómica.

Dava banho à ama e senhora numa banheira de Golias. Sentada num banco alto de madeira maciça, ensaboava-a com placidez. Ao longo do banho, para alcançar os interstícios do imenso quadrúpede, ia circundando a tina no sentido dos ponteiros do relógio.



Joel largou de casa, puxando a pala do boné para os olhos. Começou a percorrer o caminho mal alcatroado que conduzia à serra. Era mortiça a luz dos poucos candeeiros públicos, incapaz de atravessar o nevoeiro.

No bairro do decadente e proscrito Covão, nos arredores daquela cidade da beira-mar nortenha, as casas eram vivendas modestas e antigas, com os seus telhados escurecidos pelo musgo, as paredes onde faltava reboco. Pareciam adormecidas por uma febre peçonhenta. Pertenceram a trabalhadores nos serviços camarários ou a operários nos estaleiros navais, para onde, em tempos não muito recuados, se deslocavam em bicicletas descarnadas por atalhos labirínticos que encurtavam a jornada. Tal como os velhos brinquedos de corda e lata, ainda a cevada e o bagaço como mata-bicho, tudo acabara. Já ninguém pedalava bicicletas plebeias, os moradores eram quase todos velhos, odiando-se mutuamente, alimentados por ódios ancestrais.

A casa da Anunciação das Boas Incumbências era a excepção àquelas edificações remediadas. Fora restaurada com luxo contido, um luxo que tinha mais que ver com um restauro cuidadoso do que com a ostentação. O acesso à casa tinha sido alargado para se construir uma rampa, por onde se deslocava a grande dama gorda no seu trono de rodas.

Ultrapassado o casario, Joel Talina virou à esquerda, entrou num carreiro. A partir dali não havia mais iluminação. Mas ele seguiu sem hesitações, conduzido pelo radar desenvolvido na prática de muitos anos. Ainda de olfacto atento, acrescente-se. Os odores que se soltavam em cada pedaço da terra eram-lhe familiares, reconhecia-os pelo cheiro. Já próximo da propriedade

do Ti Larica, chegou-lhe ao nariz o odor doce às uvas morangas — proibidas por lei — que o proprietário ainda mantinha para honrar a herança dos pais. Colhia poucas, o resto ficava para os melros. Em puto, ele e mais alguns iam lá roubá-las ao sacana do Ti Larica, que não dava sarna a gato, um velho meio cegueta que os corria à pedrada quando suspeitava que a canalhada andava por ali, moendo-lhe o juízo. Eles eram mauzinhos, eram. Cagavam-lhe poios na soleira da porta que o velho, flutuando no charco da cegueira, acabava por patinhar. Roubavam-lhe uvas, as galinhas, as duas ovelhas que levavam para a serra. Eram mauzinhos, eram.

Começou a cair uma chuva densa, ajustou o boné à cabeça. Prosseguiu em frente, já a subir, as botas de vez em quando a escorregar na lama. Apesar da escuridão da madrugada, caminhava em passada firme, meio curvado. O camuflado estava-lhe apertado, o cinto preso no último furo, porque, entretanto, engordara uns dez quilos, vítima dos pitéus que a Galinhita, adestrada cozinheira como um animal de circo, lhe preparava como se ele fosse o filho primogénito do arquiduque de Andorra. Trouxera o camuflado com as cores pardas da areia do deserto da guerra do abrasador Afeganistão. Segundo ele, e não se cansava de o repisar, ali vivera a pior merda que se pode imaginar à face da terra, terra seca e árida, onde muitas vezes quase se afogou no próprio medo.

Temeroso, fez um pequeno desvio, como sempre, para evitar o Carvalho do Enforcado, uma árvore centenária, maldita e temível, que crescera encostada a uma enorme formação granítica, conhecida por Barriga do Diabo. Trazia-lhe más memórias. A do enforcamento do pai, por exemplo. Já passara ali centenas de vezes desde a sua infância silvestre, mas era incapaz de se habituar à sua visão. E às vozes, dizia-se, que nasciam do chão. Não era corajoso. Fazia aquela caminhada sem medo e a horas desaconselhadas porque estava no seu ambiente, sem nada de invulgar.

O motor a trabalhar, sem uma pausa, a moer-lhe o juízo, era um transtorno nos seus hábitos. Medroso, receou o imprevisível, recordando o aviso da mãe:

— Já sopram os ventos da desgraça.

A tiracolo, a sua pressão de ar quitada com toda a arte e competência. Com a ajuda encoberta de um armeiro reforçara a câmara de pressão da AK-47, ganhando um alcance de tiro garantido de cem metros com chumbos de 4.5. A arma era perigosa com tal potência. Anexara por cima do cano uma lanterna com lâmpadas LED que lhe permitia, mesmo numa noite cerrada,

iluminar o terreno à sua frente onde esperava encontrar o alvo a abater e o que o levava a sair tão cedo — coelhos bravos.

Em muitas noites de lua nova, vinha sentar-se no alpendre, a arma atravessada nas pernas, um chumbo metido na câmara, atento às sombras e aos ruídos. O coração aos pinotes, órfão de toda a coragem. É que a mãe, nos seus pesadelos nocturnos, inventava gente e a almas do outro mundo a rondar a casa.

Na caça, o chumbo e a força do tiro eram suficientes para abater o coelho logo ali, esperneando até se esvaír em sangue. Mas, por vezes, apanhado pela chumbada de raspão, desaparecia no meio dos arbustos e ervas para agonizar, sabe-se lá onde e durante quanto tempo. Para isso tinha a colaboração do seu ajudante de campo, o *general Cabul*, um perdigueiro braco alemão, que lhe custara um bolso cheio de notas, enroladas num elástico. Desta vez não levava o cão. Desde o dia anterior que ele estava a desfazer-se numa diarreia suicida, as orelhas murchas e o odor a morte.

Foi avançando. Lá mais à frente, deparou-se com o desvio inóspito, talhado no chão pelos pés que o calcorreavam, para a Serra d'Arga. Ele sabia que, dois quilómetros depois, atingia um prado de erva verde, protegido por silvas e cedros bravos, local onde a coelhada se abastecia a coberto do crepúsculo.

O barulho do motor a trabalhar é que o intrigava. E porque, entretanto, se encontrava mais perto, calculou que o carro havia de estar lá para cima, nas ruínas enigmáticas do Convento de S. Francisco do Monte que, dizia-se, era habitado por ogres, cocas, bufões fantasmagóricos e bichos-papões. Apesar disso, o local ainda era o menos. Sítio abandonado e pouco acessível, ali se refugiavam casalinhos de adolescentes, amantes secretos e adúlteros, gançados, curtindo uns fumos de prazer ou desfazendo-se em tomas suicidas de *crack*. Não era um ponto de passagem, não tinha saída. Quem se deslocava para ali levava um fito.

A hora e o tempo é que eram de estranhar. Ainda faltava um bocado para as sete — 6h45 — a madrugada mal se anunciava a oriente, por trás da Serra d'Arga. E um motor incomodamente sereno que não saía da cepa torta. Com aquela intuição de perigo que tão bem desenvolvera no Afeganistão, pensou que o melhor era ir à vidinha, que para isso não se atirara para cima da cama como era a exigência do seu corpo moído pelo trabalho no hospital. O vício quase demente da caça era como uma doença parasita que exigia ser alimentada, já que ele outros vícios não tinha. Nem tabaco, nem tainadas, nem

convívios frequentes com malta da sua idade. Miúdas eram as de ocasião, encontradas em bares e discotecas, que não se faziam rogadas a um jovem de trinta e poucos anos, cabeça completamente rapada e uns olhos verdes, perigosamente luminosos. Ele derrotava-as sem que tivesse necessidade de abrir a boca. Sisudo, próximo da dureza de trato, deixava-se enlear, absorto na sua nostalgia.

Mau! Ele não era valente nem ousado. O físico alentado escondia um coração trémulo, ligeiramente assustadiço, uma coisa que nem era de homem. Crescera sob a asa da mãe, numa protecção doentia onde não havia lugar para o risco nem para o mistério. Amava aquele filho com uma voracidade de provocação. Desandara para o Afeganistão, não por intrepidez nem para amealhar algum dinheiro, mas porque a mãe, mais uma vez, se socorrera das suas intuições de maga:

— Filho, levantaram-se os ventos da desgraça, mais fortes e mais negros como eu nunca vi.

Fugira uns dias depois do presságio da mãe, à conta de uns zunzuns que lhe chegaram às orelhas e que tinham que ver com investigações da Judiciária. Andavam no seu encalço por causa do negócio das anfetaminas fabricadas pelo amigo de infância, Tito Benito. Mas tinha sido rebate falso. A Judiciária andara por lá a cheirar, mas as razões eram outras.

O diabo era o motor a trabalhar, demolidor, sem um desvio, um soluço, uma desarmonia. O motor era uma sereia, sim, uma sereia que o chamava. Ele bem não queria ir. Mas tinha tanta raiva atrasada por se saber precário de ânimo, que tratou de obedecer ao chamamento.



Ele está ali rodeado de vegetação, silvas e o marulhar pacífico de um regato que acordou com as primeiras chuvas após o pousio do Verão. Calçou as luvas. O motor era como um ronronar de gata, tal como as garinas que nas discotecas lhe faziam olhinhos sedutores e lhe endereçavam sorrisos cativantes. E ele, pacífico e sem enfado, rendia-se.

Hesitou se havia de seguir o trilho do costume, avançando para nascente, direito à Serra d'Arga, e com isto satisfazer aquele impulso tresloucado de caça, ou então ir verificar o que estava a acontecer, virando a poente. Se mantivesse o hábito de todos os fins-de-semana em que ia caçar, marchava até à serra e detinha-se na casa solitária do Tito Benito, camuflada por uma vegetação meio selvagem. Este usava uns óculos de massa com umas lentes grossas que lhe davam um ar atónito, e uma pele branca que nunca tinha sentido o afago do sol. Vivia ali sozinho, como um anjo escondido que recusa crescer e enfrentar a matilha dos adultos. Embrenhara-se em experiências de laboratório num ritual com qualquer coisa de sagrado, sintetizando uma anfetamina do paraíso que era vendida e distribuída por dois amigos seguros e confiáveis de longa data. Um deles era o Joel Talina. A outra, a Esperança do Resgate. A síndrome de Asperger que enleava o Tito Benito, juntamente com o folgado bem-estar financeiro do pai, tinham elevado os seus conhecimentos em manipulações químicas a um nível impen-sável que tocava o mistério. A casa que ele hoje habitava na Serra d'Arga não era casa, mas sim um imenso laboratório com mais duas salas, uma cozinha e um quarto de banho no exterior.

Na verdade, aquela surtida aos coelhos ia resultar em nada, até porque não trazia o *general Cabul*. Ouvindo o ronronar misterioso do motor, a curiosidade de Joel Talina foi maior e acabou por não resistir à convocação indiscutível. Se no Afeganistão usara de todas as cautelas — aquela malta ocultava perigosos enigmas sob os turbantes e os fraldões talares — também no Afeganistão aprendera a revistar, obedecendo a normas de actuação muito precisas, todos os cantos das casas que ele e os camaradas inspeccionavam, todos os lugares onde se podiam albergar suspeitos ou munições de guerra. E até crianças, perigosas na sua aparente ingenuidade. Fazia-o com um misto de curiosidade e desafio, excitado por uma adrenalina bravia que o levava a esquecer o perigo e de que hoje, como um enigma, tinha saudades.

Acicatado, desviou-se do trilho seu conhecido. Lentamente, tendo o cuidado de ver onde punha os pés, dirigiu-se para onde nascia o apelo do motor. De vez em quando detinha-se alerta, atento a um ruído, ao som de um bicho. Raposas ou javalis. Ou vozes, não aquelas que soavam dentro de si, convocando-o para a desistência.

— No Afeganistão vi toda a merda que há para ver. Já nada me surpreende. A morte muito menos.

À cautela, tacteou a espingarda como que a assegurar-se da sua existência. Confirmou, na pequena bolsa em couro, a chumbaria que trazia consigo. Respirou fundo. A excitação alterara-lhe os batimentos do coração, derrotando o velho receio que jamais o abandonava.

— Vamos lá ver o que se passa — determinou para si mesmo, encorajando-se para não cair no pantanal do medo. — Vamos lá, vamos lá.

Decidido a rumar na direcção do ronronar inalterável, entrou no pinhal denso, pisando as folhas no chão, um tapete que se formara abundantemente com o Outono. Não queria deixar pegadas, já que as suas botas seriam facilmente identificadas. Eram as últimas que usara no Afeganistão, com uma sola específica do exército português. Pelo sim, pelo não, e porque tudo lhe cheirava a infortúnio — *já sopram os ventos da desgraça, filho* — empunhou a pressão de ar, enfiou um chumbo na câmara, travou a arma.

— Vamos lá, vamos lá.

Sempre a coberto da vegetação, alcançou os destroços do Convento de S. Francisco do Monte. Aninhou-se contra a parede em pedra grossa, os joelhos dobrados. Contou até cinco, numa norma de actuação segura quando no Afeganistão faziam avanços pelas ruelas estreitas, carregadas de pó seco, acastanhado, exalando toda a espécie de perigos.

— Um... dois...

Com todos os sentidos activados, esperou para ouvir vozes, gemidos, pedidos esganados de socorro.

— Três... quatro...

Nada. Apenas o ronronar persistente de mau agoiro...

— Cinco!

Ergueu-se, caminhou agachado, tacteando o muro em pedra antiga que delimitava o convento arruinado, sem nunca abrandar o seu estado de alerta. Colocava os pés no chão sem pressas, cada passo a esmagar suavemente o manto de folhas e ramos. Não fazer ruído, que nada nem ninguém suspeitasse da presença do intruso. A respiração era um pandemónio dentro do peito.

Um pensamento sacana atravessou-lhe a mente. E se voltasse para trás? Com dignidade artificial, que escondia o seu temor pelas coisas inabituais, deteve-se.

Já sopram os ventos da desgraça, filho.

É isso, pensou. Se vim para os coelhos, é para os coelhos que vou.

Tinha, no entanto, uma necessidade imensa de resgatar os seus medos, vencer a inquietação que jamais o abandonava. Regressar era fácil, tentador. Bastava fazer o mesmo caminho ao longo do muro e nunca mais pensar nisso. Todavia, o que continuaria a ser? Um cobardolas de merda.

IV

Inesperadamente, as suas narinas foram inundadas por um forte odor a água-de-colônia, um odor muito suave, como a maresia que se solta do mar na maré baixa. Os ventos da desgraça faziam-no tolo? Ou era alguma bruxaria? Na sua infância, a mãe contava-lhe histórias de arrepiar — a da velha com o seu cheiro a rosas murchas que enterrou viva uma menina de cabelos louros, ou a da bruxa que raptava criancinhas e as encarcerava num poço perfumado pelas fragâncias da Primavera, de onde saíam só quando estivessem cegas.

Sempre aninhado, virou-se para regressar.

Caralho! Só me faltavam merdas de bruxas! Vim para caçar coelhos, não é para me meter em chatices.

Foi quando, a menos de vinte metros, com um pequeno sobressalto, topou o vulto de uma viatura na clareira que se abria, em frente ao arco em pedra sobre duas pilastras. Estas marcavam a entrada do amplo espaço, onde se erguia o convento estripado. O barulho do motor era agora perfeitamente audível, atingia a placidez das estrelas escondidas atrás das nuvens.

Lá longe, no vale, um alvoroço de cães irritados assustou o Joel. Seguiu-se um ganido violento e o bradar de uma voz irada. Açaçapado atrás de um silvado denso, com sinais de lixo urbano pelo chão, refreou a tentação de acender a lanterna. Não, não. Impunha-se contar até cinco.

— Um... dois... três...

Molhou a boca com movimentos de língua, puxando a saliva.

— Quatro... — Passou-a pelos lábios, num trejeito de expectativa.

— Cinco!

Avançou mais um passo e mais outro, afastando-se do aroma aziago. Baixinho, muito baixinho, mas o suficiente para se sobrepor ao barulho do motor, assobiou um trinado curto em dois tempos seguidos. Eram os mesmos que utilizava no Afeganistão de todas as vezes que os camaradas estavam do lado de lá de um muro ou dentro de uma casa. Assobiou de novo, mais alto. Com a ajuda da luz tímida a anunciar o nascer do dia por cima da copa densa das árvores, conseguiu ver que a viatura tinha aberta a porta do condutor, a luzinha do interior, acesa. Não lhe foi difícil identificar um Alfa Romeo Spider dos anos setenta, uma jóia do automobilismo italiano. Atónito, julgou reconhecer a viatura do Tito Benito. Contudo, recusava acreditar que podia pertencer ao seu amigo, apesar de, na cidade, não haver mais nenhum carro como o dele.

Um pensamento sossegou-o um pouco. O Tito Benito não era indivíduo para vir ali às tantas da matina correr riscos inexplicáveis. Nem por sombras. O Tito Benito, amolecido pela síndrome de Asperger, persistia em manter uma rotina segura que o pusesse a salvo de surpresas. Tinha manias, medos, desconfianças, obsessões, só compreensíveis à luz do seu transtorno cerebral.

Ele próprio e a Esperança do Resgate — a outra envolvida nos negócios — tiveram de o proteger na escola primária e na secundária, para não ser vítima desarmada dos calduços e dichotes implacáveis dos colegas. Poupavam-no à sorte de ter de sofrer de uma troça sempre humilhante. Não queriam que o ânimo do Tito submergisse em ressentimento.

O nevoeiro, nevoeiro sem tréguas, ainda aquela chuvinha incómoda e persistente. Descortinou um vulto deitado no chão enlameado, uma parte do corpo sob a frente do carro. Pareceu-lhe uma figura humana, o rosto virado na sua direcção, de braços sobre um tapete de folhas e pequenos ramos. Era como um Cristo, os braços abertos, as pernas unidas. Estava de costas para o mundo, convicto de que este mesmo mundo não valia um tostão furado, muito menos uma nova imolação.

Desta vez, protegido pelo matagal, não assobiou. Tratou de chamar em surdina:

— Ó amigo! Tudo bem?

A pergunta pareceu-lhe uma idiotice. Agora sim, não tinha dúvidas de que o vulto era um homem ainda novo, que não dava o mínimo sinal de estar vivo. Aproximou-se até à traseira do carro e, a poucos passos, agachado,

voltou a pesquisar à sua volta, os ouvidos atentíssimos. Finalmente acendeu o foco da AK-47. Quando fez incidir a luz sobre o corpo, o que viu deixou-o horrorizado — apesar de, no Afeganistão, já ter visto toda a merda que havia para ver. Não era apenas a nuca destroçada do morto, empapada em sangue que escorrera para o manto de erva. Era, desgraçadamente, o morto que ele conhecia tão bem, o seu amigo Tito Benito, de braços como um afogado à deriva num lago de águas mansas. Apesar de tudo, a sua cara de anjo bom estava mais bonita do que nunca, como se nela tivesse assentado uma serenidade que tanto buscara em vida. Os óculos encontravam-se um metro mais à frente, aparentemente intactos.

Dominando o tremor de terra que estoitou dentro de si, decidiu que tinha de chamar o 112. Mas não com o seu telemóvel. Trémulo, aproximou-se do cadáver, dobrou-se para o corpo, pediu a protecção divina como marinheiro das antigas descobertas. Cruzou o sinal da cruz sobre o peito. Com a mão, precipitadamente vasculhou os bolsos do casaco do Tito Benito.

— Desculpa, pá, desculpa — murmurou com um grande peso no coração. Encontrou o que queria — um *smartphone*, última geração.

Nervoso, respirou fundo, virou-se de costas — como se o falecido o pudesse ouvir — e ligou para o 112. O dia mantinha-se escuro à força do nevoeiro compacto, embora uma escassa luminosidade anunciasse a madrugada. Comunicou o ocorrido: um morto, cabeça esmagada, um charco de sangue, um automóvel topo de gama que ainda estava a trabalhar. Local: Covão da Meadela, monte de Santa Luzia, na encosta virada a nascente, na clareira em frente às ruínas esfrangalhadas do Convento de S. Francisco.

— Sobe-se pela Abelheira, passa-se a fonte de S. Francisco — explicou.

— 11 de Outubro, 7h10. Terça-feira. Confirma?

— Positivo, 112.

— Um morto. Sexo masculino?

— Positivo, 112.

— Há mais pessoas envolvidas?

— Negativo. Não vejo por aqui mais ninguém.

— Tem a certeza de que não há feridos, então?

— Positivo. Só um morto. Não se mexe, não respira. Não tenho dúvidas, porque eu fiz a guerra no Afeganistão... — Calou-se subitamente, atordoado pelo descuido informativo.

Furioso, deu uma volta sobre si mesmo, amaldiçoando a tagarelice que o tinha traído, ele que até era de poucas falas.

— Então aguarde no local enquanto procedemos às diligências necessárias — ordenou o operador do 112. — Quer identificar-se? Nome completo...

Joel Talina desligou abruptamente. Penalizava-se por ter falado demais, mas cumprira o seu dever de cidadão, respeitador dos mortos e de todos os que precisam de auxílio. Enfiou-se dentro do carro, que mantinha a porta aberta e a luz interior ligada, sabendo o que procurava. Esticou-se para o porta-luvas em frente ao banco do pendura. Abriu-o, retirou lá de dentro uma série de papelada sem interesse e um livro de instruções de uma panela de pressão, vinte litros, profissional, fechamento externo. Enfiou a mão, pressionou aquilo que parecia ser o fundo. Com um *clac*, a parede abriu-se. Tacteu com todo o cuidado, retirou um saco de plástico com vários comprimidos azuis, sarapintados, e um outro com algum dinheiro, pouco.

Na verdade, acreditava ser pecado, grave pecado, roubar um morto.

— Joel — avisava a mãe, comendo chocolates para alimentar a sua fome bíblica —, os mortos têm memória. Estão à nossa espera para dizer o que não disseram em vivos.

Um odor adocicado alcançou-lhe o nariz. Uma caixa de bolos estava colocada no estreito banco traseiro. Sempre de luvas calçadas, que lhe tolhiam os movimentos dos dedos, abriu a tampa e topou seis deslumbrantes bolas-de-berlim. Não resistiu aos apelos imparáveis da fome. Tirou uma, espetou-a na boca apertada entre os dentes e, com todo o cuidado, voltou a pôr tudo no seu lugar.

Ainda pensou em desligar o motor, mas logo desistiu da ideia, temeroso como numa cisma de que o morto desse conta do que se estava a passar.

— Os mortos sabem de nós o que nós nem sonhamos. — Era o aviso da mãe. Dizia-se que ela tinha a capacidade de dialogar com as almas do outro mundo.

Saiu do carro, deu uma larga dentada na bola-de-berlim. Envergonhado, como se tivesse profanado um túmulo, foi condoído e atordoado que se despediu do morto assassinado. Com uma coragem que não sabia de onde lhe tinha nascido, esticou a mão enluvada, afagou com a ponta dos dedos, pesaroso, a cara de anjo bom do amigo.

— O que fazes tu aqui, Tito? — perguntou num murmúrio atormentado, quase furioso. — Por que raio saíste tu de casa?

Sob a luz crepuscular da alvorada cinzenta, pareceu-lhe até que ele fez menção de sorrir e falar. Não era a mãe que dizia que os mortos conversam quando sopram os ventos da desgraça? Dobrou-se, beijou a testa gelada do amigo.

— Acorda, Tito, peço-te. Acorda, meu caralho! — ordenou, com muito mais amor do que raiva.

Levantou-se, os olhos húmidos de comoção, rodou nos calcanhares, lívido. Tinha adivinhado um breve tremeluzir nos lábios do Tito Benito.

Queria dizer-me alguma coisa?

A mãe, quando ele lhe relatasse o sucedido, havia de atirar-lhe um ralhete azedo:

— Carago, Joelinho! Devias ter prestado atenção ao que o falecido tinha para dizer! Devemos prestar atenção ao silêncio das suas palavras.

Alcançou a folhagem que formava um tapete grosso, correu o mais depressa que pôde, passando novamente pelo aroma a água-de-colónia. Não podia ser outra coisa senão um artifício insondável de bruxaria, acordada pelos ventos da desgraça.

Nessa madrugada do dia 11 de Outubro de 2016, esses mesmos ventos da desgraça tinham-se levantado, sôfregos, tal como previra a viúva Anunciação das Boas Incumbências. A morte saíra ao caminho de dois agentes da GNR e de um casal de inocentes civis, apanhados no trajecto obtuso de balas assassinas. Isso era em Aguiar da Beira. Nessa mesma madrugada, a Viana do Castelo calhara outro infortúnio — o homicídio de um jovem conhecido pela sua cara inocente, por ser um alquimista prodigioso em químicas adventícias e por raramente se ausentar do seu castelo encantado.

deixem falar os mortos

olhem para mim e para este desconforto em que me acho. espero com ansiedade que me levem daqui, deste chão enlameado e desta nevoeirada que não faz nada bem à saúde. agora que me acho nesta condição de morto matado, desejo falar mais do que nunca. apenas os que sabem ler as trevas da noite onde canta a coruja, ou sabem enumerar os infortúnios de um enforcado, têm as condições para falar com os mortos que persistem em viver depois do fim da respiração. o que quero dizer é que ainda tenho muitas coisas para revelar, por exemplo, a verdade da minha morte, que aqui haverá de ser lavrada como uma alucinação. tenho uma irresistível necessidade de respirar, como se tal desejo fosse possível.

PRIMEIRO DIA - MANHÃ

Muitos são os dias em que vivo com a raiva de viver.
(In *Manual da Raiva e Outras Vontades para Odiar*)



Terça-feira, 11 de Outubro de 2016
8h05, cidade de Braga

Aos ouvidos de Rodolfo Silvano Cardeira chegou um estrépito das profundezas da tortura. Foi um batimento incómodo, seco e repetido na porta do compartimento de arrumos onde dormia, compelido pelo feroz desentendimento conjugal. Passavam alguns minutos das 8h00.

Braga amanhecia com um sol luminoso a garantir horas prolongadas de luz e calor outonal. Eram bem-vindas, depois dos dias de chuva pesada que inundou as ruas e invadiu os passeios. Mascou, virou-se para o outro lado na sua cama estreita, quase caiu. Retomou a posição fetal, encolhendo os pés enormes que tinham ficado fora dos cobertores — não se dava ao trabalho de usar lençóis. Limpou a baba que lhe escorrera abundantemente da boca e passara ao queixo, onde já despontava uma barba cerrada.

— Cadela de sorte! — esbravejou contra todo aquele que se encontrava sob a roda do sol.

O espaço apertado do quatinho, feito degredo, era um compartimento menosprezado de arrumos que ele fora obrigado a aproveitar para dormir. Não lhe restava outra solução para não ter de passar, como um foragido na sua própria cidade, as noites num hotel remediado. Numa cama velha, meio desengonçada, dormia um sono incómodo para o seu físico de 1,90 metros e 120 quilos de peso. Contra uma das paredes havia uma armação com prateleiras atafalhadas de caixas de plástico com objectos tão anónimos como indiscriminados, artigos

de limpeza, lixívias e outros produtos de combate à imundície. Aos pés da cama, duas enormes caixas de papelão, onde a sua futura ex-esposa enfiara atabalhoadamente toda a sua roupa. Junto à porta, o balde de limpeza e uma esfregona que estava a dar as últimas. E mais um outro armário carregado de tralha desnecessária que há muito devia ter ido para o lixo. Até coisas que foram dos filhos em crianças: patins, jogos e outras inutilidades que se guardam como relíquias de um tempo que não se quer perder.

Pois era aqui que dormia como um proscrito, resfolgando numa cólera surda. Um casamento de vinte e muitos anos trouxera ao de cima as suas incompatibilidades de carácter. A saída dos filhos de casa, vivendo algures por esse largo mundo onde se pagava melhor, acabou por deixar os dois esposos frente a frente, sem grande motivo de conversa. Este desgaste na relação acabou por se tornar uma espécie de duelo, em que ele, apesar do seu estatuto de inspector da Judiciária, mostrava ser o opositor mais fraco.

Até ter as crispções reguladas com Josefina José, a sua futura ex-esposa, Silvano Cardeira ia vivendo sob o mesmo tecto, aprontando-se para arrendar um T1 já apalavrado, perto do novo estádio de futebol do Braga — a Pedreira. Até ao momento, ambos se comportavam como desconhecidos, trocando raras falas evasivas que não eram mais do que resmungos irados. Já tinham ultrapassado a fase de gritos, ralhos e avisos envenenados, que apagaram todas as estrelas do céu conjugal.

Há três anos que ela, lívida, os olhos brilhantes de ódio, rosanou:

— Nunca te hei-de perdoar isto. Nunca. — *Isto* era a fotografia de uma discoteca, ele abraçado a uma jovem, os lábios colados.

Os batimentos exasperantes na porta tinham feito acordar Silvano Cardeira do sono de beleza revitalizador. O seu corpo alentado de urso, as pernas fortes e compridas, e uns pés descomunais que mal cabiam na cama, queriam continuar naquele atoleiro de entorpecida serenidade.

— Cadela de sorte! Deixem-me dormir.

Não queria acordar, enfrentar as dissonâncias espinhosas do mundo. O seu desejo era o de retomar um sono que se lhe escasseava após a investigação árdua nos dias anteriores — um homicídio bárbaro numa vivenda à beira da ria de Caminha.

Voltaram a bater na porta, desta vez chamando-o:

— Cardeira! — A irritação da toada era perceptível, mesmo para quem ainda tinha as pálpebras carregadas de sono. — Tens aqui uma chamada da Central.

A voz áspera de Josefina José — há quanto tempo não trocavam uma palavra a que se pudesse chamar palavra? — não precisava de dizer a quem pertencia o toque. Para uma melhor facilidade e segurança na comunicação, ele tinha para cada contacto um toque específico: o da estúpida esposa — nem sabia porque é que ainda não o tinha apagado —, o da Central, do inspector-chefe, dos seus colegas e amigos mais próximos. O mais apetecido de todos era o de Paloma, a doce Paloma por quem estava apaixonado. Finalmente, o da tão imprevisível como as tempestades de areia do deserto: o da sua colega e estagiária, Renascida Ximenes.

Subitamente, com um relâmpago de júbilo, ocorreu-lhe que tinha de marcar encontro para aquele dia com Paloma, a universitária mais bela de todas as mais belas universitárias do mundo onde houvesse criaturas humanas. Perdera-se de amores fulgurantes por ela há três anos, numa data que eles comemoravam com presentes e juras de uma eterna paixão em chamas: 11 de Outubro de 2013. Impedido pela investigação em lugares fora de Braga, não desfrutava da amantíssima Paloma há uma semana. Esta ressaca de amor provocava-lhe delírios de angústia.

Os toques insistentes no *smartphone* não eram dela, até porque tinha seleccionado o seu toque de chamamento com um *Only You*, uma canção romântica dos tempos da Maria Cachucha. Para ele representava a alegoria das suas emoções. Paloma, só ela e mais ninguém, aparecera-lhe como a luz transformadora dos seus sentimentos amorosos que haviam entrado num charco de rotinas.

Com ela, já não se tratava de mais uma aventura com a duração de um gemido de amor, mais um corpo para fazer refulgir de arrebatamento, mais um reforço da sua auto-estima de macho impulsivo. Transtornado de encantamento, com Paloma desejava ardentemente que a luz que ela irradiava o acompanhasse até ao final da sua vida, pese embora a diferença de idades. Nem um nem outro pensavam nisso.

Animado pelo pensamento na sua incandescente paixão, Cardeira fez um esforço para entrar no mundo real. A voz que soara para lá da porta, capaz de lhe virar os fígados, era a da esposa que ele não queria ver nem pintada com as cores do paraíso. Quase trinta anos de casamento, uma relação que se foi degradando com a ausência dos filhos. E também porque ela vivia para o trabalho, numa obsessão patológica como se temesse o monstro da inactividade. E ele, porque nunca resistira aos encantos de uma mulher. Conhecera algumas, fornicara-as com honestidade e fervor, mas sem satisfazer o seu desejo de posse e novidade. Voltava-se para outras, de aletas aticadas pelas feromonas das fêmeas, refolgando de excitação. Sem um vislumbre de remorso.



Cardeira submergia-se cada vez mais num cansaço que nada tinha que ver com fadiga física. Era uma fadiga psicológica, interior, fazendo-o viver com um enorme ressabiamento agarrado aos ombros. Era uma saturação por trabalhar numa corporação que não lhe reconhecia os méritos de dedicação e sacrifício. Talvez uma amargura ácida. Talvez. Mais que certa era a sensação de que *eles* tudo faziam para o entalar com a dureza implacável de um torqueto. *Eles*. Os outros. A corporação. O sistema. Toda a Judiciária. O vento que sopra da meseta ibérica e afoga a cidade de Braga em canícula.

Há três anos, a fotografia denunciadora da sua relação com Paloma, colocada no pára-brisas do carro de Josefina José, fora mais uma manobra de intimidação com origem num *deles*. A maquinação, a intriga, a teia da conspiração. Atormentado pelo aviltamento, sentia tudo isso em cada dia, em cada colega, em cada superior. *Eles*. Apetecia-lhe guinchar como um animal selvagem apanhado numa encruzilhada por onde passavam os alísios da morte.

Entendeu que era altura de atender os atropelos sonoros do telemóvel, vencendo o seu estado de serradura. Dormira vestido após a chegada de Caminha. Apenas tirara os sapatos e o coldre com a Glock. As meias calçadas soltavam um cheiro requentado a chulé.

— Sulfato de peúga. — Como diria a estagiária Ximenes na sua semântica atravessada por palavras que feriam o português bem falado.

Doía-lhe o joelho direito à conta da artrose debilitante que se carregava de negro de dia para dia. As dores eram colmatadas pelos anti-inflamatórios

do refrigerário, mas o estômago tinha começado a recalitrar, exarando as suas reclamações no livro da sensibilidade.

Levantou-se com esforço, tossiu abundantemente, sentiu um certo mal-estar na arca do peito. A garganta arranhava. Despiu-se completamente, amontoando a roupa fedorenta em cima da cama. Tremendo de frio, porque o quartinho não tinha aquecimento, ouviu o toque do seu *smartphone* vindo do lado de fora, junto à porta, onde ficara a carregar. O que lhe queriam da Central? Olha qu'esta! Estava de piquete? Não. Tinha serviço marcado para aquele dia? Não. Era o seu dia de folga? Era. Ia passá-lo com quem? Com Paloma, obviamente.

— Podem esperar até o mundo deixar de ser mundo! — resmungou, espreguiçando-se com o prazer regalado de um gato feliz.

Abriu a porta do estaminé onde dormia. Um frio ainda maior apanhou-o de chofre, fazendo-o vacilar. A futura ex, numa manobra intimidante, retaliadora, abriu as janelas. Uma corrente de ar glacial atravessava o apartamento.

Voltou atrás, foi ao molho da roupa que ele próprio ia pôr a lavar, retirou o blusão fedorento, passou-o pelos ombros. Atravessou o corredor, enfiou-se na faraónica casa de banho, de paredes forradas a mármore do Alentejo, o chão em laje preta, de superfície irregular. Tremendo de frio, as queixadas como castanholas, soltou dois espirros de mau agoiro, ligou o pequeno termoventilador. Graças a Deus, trabalhava. Aliviou-se largamente da bexiga, soltando um gemido de alívio.

Abriu a água do amplo polibã, regulou a temperatura como se fosse escaldar uma galinha. Gostava do duche bem quente para, ao longo do banho, ir arrefecendo até chegar à temperatura da água fria.

O *smartphone* tinha-se calado. Até o toque que Cardeira escolhera para identificar a chamada da Central — um batimento fúnebre de tambor que ia subindo de tom — fora motivo para mais uma discussão com a mulher em tempos idos, ainda quando eles falavam palavras que iam para além da rotina conjugal.

Tinha de atender o raio do aparelho, vencer a apatia descuidada que se instalara na sua alma agastadiça. Ele fazia parte da Brigada de Homicídios da Judiciária de Braga, e se insistiam era porque ocorrera um homicídio. Era o seu dia de folga, raios! Então a brigada não tinha mais elementos? Tinha. *Eles* queriam lixá-lo, moer-lhe a paciência, impedi-lo de saborear a paixão que o trazia num tapete voador. *Eles*, uns estupores vingativos.

Enquanto se ensaboava criteriosamente, recordou — aliás, nunca mais se esquecera, como uma úlcera irremediável — que há uns anos, mais exactamente em 2009, derrotaram-no com um processo disciplinar. Essa nódoa manchara todo o seu currículo. Após isso era importante obedecer ao código da boa ética, não erguer a crista de galo alfa. Mas era uma placidez forçada, contida à força de muita vontade, e que, mais dia, menos dia, acabaria por gerar uma explosão violenta com agressividade física. Tinha então de atender, mostrar-se prestável, cordato, muito profissional. Não tinha outro remédio. No entanto, no fundo da alma havia um sedimento de raiva contra o sacanão do colega Herculano Negreiro, contra o sacanão do superior Simão Magro — um santanário que não lhe perdoava por ele ser um irreprimível conquistador.

Incriminararam-no pela desconfiança de ele se ter envolvido no tráfico de mulheres do Leste. O seu sedimento de raiva estendia-se a tudo o que fizesse parte da *Judite*. *Eles todos, mas todos*, tinham-se aliado sinistramente para o tramar. O seu cansaço psicológico vinha desse tempo, desse ano de 2009 em que percebera a vontade de *todos eles* quererem armar-lhe pérfidas ciladas.

Retirou a espuma abundante, rodou lentamente a torneira para água fria. Foi aguentando estoicamente a mudança lenta da temperatura até se arripiar de frio. E só fechou a água quando ela jorrou com uma friúra siberiana. Apesar de enregelado, sentiu uma energia renovada, pronto a enfrentar os dissabores que o aguardavam. Os toques persistentes da Central, com odor a homicídio, não podiam ser outra coisa.

Ouviu Josefina José no corredor a falar ao telemóvel. Apurou o ouvido, enciumado, para lhe escutar uma conversa plena de agradecimentos e afabilidade:

— Grata, Nzinga. Dá-me jeito a boleia. — A sua voz era de uma meiguice que ele, saudoso, já não lhe ouvia há anos. — Tenho o carro na revisão... Eu sei, eu sei... Sim, estou pronta. Já vou descer, Nzinga. Chau!

O toque, que de novo chegou aos seus ouvidos, já não era o batimento fúnebre de um tambor, o toque da Central, mas um *reggae* apelador da serena felicidade: *Don't worry, be happy*. Tinha-o seleccionado para Renascida Ximenes, a imprevisível e meio atravessada inspectora estagiária, e nem sabia porquê. Ou talvez soubesse.

A escolha para ela fazer o estágio com Silvano Carneira fora mais uma manobra *deles*. *Eles* não lhe perdoavam ter feito asneira da grossa pela suposta conviência no dito tráfico de mulheres de Leste. Nesta teia de ciladas,

inscrevia-se a estagiária Ximenes, que por um ano ficaria sob a alçada dos seus ensinamentos. Quando soube que ela lhe caíra em sorte — ou azar — para a supervisão do estágio, adivinhou que *eles* tinham feito de propósito, sabendo que Cardeira não resistia a mulheres. Não tardaria muito até ele cair no engodo, atraído pelas chamas dos seus impulsos de amor e sexo. *Eles* queriam que a palha — a estagiária — chegasse ao fogo dele.

— O mundo é grande — disse para si mesmo, resignado, quando ela lhe veio falar no dia em que se apresentou em Braga. Uma mulher, o seu perfume irresistível, o chamamento de um corpo. O seu apetite de macho.

A prática dos últimos meses de trabalho conjunto veio demonstrar que a estagiária Ximenes tinha um faro e conhecimentos sólidos de investigação. Todavia, muitas vezes via-se obrigado a travar a rapariga, um pouco precipitada, maníaca até, onde não faltavam acessos de mau humor ou impaciência. Era irreverente, intempestiva como uma bicha-de-rabear. Ou então dava-lhe para trautear a canção do Vitinho, que há uns anos passava nas noites da RTP, convidando os meninos a deitarem-se. Uma maluqueira dela. Mais uma. Cardeira interrogava-se como é que ela tinha passado nos testes psicotécnicos e feito o curso na Escola Superior de Polícia sem que a tivessem chumbado. Não era o primeiro instruendo a ir embora, não seria o último.

Ximenes, agora o que lhe queria? É certo que tinham pouco pessoal na Brigada de Homicídios. Alguns dos seus colegas haviam sido transferidos para o Porto, onde o crime, os ajustes de contas entre gangues, as mortes encomendadas, os carros incendiados, tinham aumentado de forma alarmante. E a comunicação social a fazer troar os tambores da tragédia.

Secou-se vigorosamente com um toalhão, olhando-se ao espelho. Era peludo como um urso, a barba cerrada, as sobranceiras hirsutas. A proeminência do estômago era o resultado de más refeições — uma sandes, batatas fritas de pacote e finos que bebia sofregamente como se fosse para um retiro de abstinentes, para se alimentarem da luz solar. Precisava urgentemente de deitar abaixo, pelo menos, uns quinze quilos, aliviando a punição do joelho.

Ouviu fechar-se a porta da rua. A futura ex saía para o trabalho, seguramente vestida de saia travada e casaco escuro com botões amarelos, sapatos de meio tacão e meias de seda. Era um dos muitos conjuntos circunspectos que gostava de usar quando ia para o banco, onde era gerente cuidadosa e até um pouco implicativa com os seus colegas. Na mão, a pasta de couro preto que já fora sua na faculdade. Preservava-a como uma relíquia.

Ele uma vez atirara-lhe, mordaz, isto há muitos anos:

— Tu vestes-te como uma freira.

— Na minha profissão tenho de ser discreta — repontou na altura, enervada. — Não me posso vestir como se andasse na gandaia.

Movido por uma suspeita que não sabia explicar, mas que talvez tivesse que ver com os cantares primaveris e provocatórios que ela trauteava quando estava em casa, atirou o toalhão para cima dos ombros. Nu, coxeando pela dor no joelho, correu para a janela do apartamento no segundo andar, atravessando o corredor alcatifado. Esperou para a ver sair vestida como se fosse a um velório, com aquele seu andar decidido, um pouco altaneiro, por vezes roçando a arrogância que a ligeira obesidade, especialmente nas ancas, acentuava.

Pelo telefonema, sabia que o tal Nzinga lhe ia dar boleia. Quando ela, finalmente, saiu do prédio, se a conheceu foi apenas pela mala preta que levava presa no braço estendido e por aquele ar despachado a pisar o chão. O que ele via — e há um bom par de semanas ou até meses que não lhe punha bem a vista em cima com alguma atenção — era uma Josefina transformada! Emagrecera, e muito. O cabelo pintado de louro, às madeixas, descia-lhe até aos ombros, o que só podia ser obra de extensões. Ela que tinha pelo cabelo, ao contrário do que era normal da vaidade das mulheres, preocupações residuais. Vestia um meio casaco de fazenda, a gola em pele, por baixo uma camisola grossa. As calças eram justas, terminavam por cima de uns sapatos pretos de salto alto.

Engoliu em seco, atónito. Viu a agora elegantíssima Josefina José sair do passeio por entre os carros estacionados, dirigir-se a um carro vermelho de piscas ligados que lhe pareceu um Volkswagen Sharan. Não sabia muito de carros modernos, com modelos que se renovavam quase todos os anos. Ao lado, em pé, um homem negro, todo careca, elegantíssimo e bem vestido, aguardava.

— É este gajo o tal Nzinga? — interrogou-se, perplexo.

O preto saudou-a com um sorriso luminoso, abrindo-lhe a porta. Ela beijou-lhe a face, esticando-se, a mãozinha no peito dele como uma carícia. Sentou-se com modos aristocráticos, enquanto ele fechava a porta e se dirigia para o seu lado, retomando a condução.

Confuso, sabendo que a maioria dos pretos em Braga eram jogadores de futebol ou descendentes de criados dos retornados das colónias, não estava a ver a austera Josefina José num relacionamento com um escarumba, que possivelmente tinha feito o ensino básico mal e parcamente. Ou seria brasileiro, oriundo daquelas favelas manhosas, centrais de venda de droga? Sem

ter consciência dos seus pensamentos, entendeu que tinha de tirar a dúvida a limpo. O despeito mordeu-o. Esperava, apesar de tudo, que ela se mantivesse fiel ao seu ninho doméstico, levando uma vida recatada. Quando muito, que saísse com amigas — poucas amigas — naqueles convívios vedados a homens, onde elas davam largas às suas brincadeiras, feitas gaiatas em comentários irónicos e cheios de segundos sentidos.

— Nzinga, o filho de uma cachorra — rabujou, agastadiço.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo *reggae*, que voltou a cantar a sua insatisfação por ainda não ter sido atendido.

— Gaja chata como a potassa!

Recuperou do pasmo, sentindo uma espécie de ressabiamento que recusava apelidar de ciúme.

Ora a minha futura ex?! Quem havia de esperar tal transformação?

Regressou à casa de banho, onde se mantinha o calor do aquecimento.



Subitamente o *ding-dong* da porta da rua despertou-o do seu devaneio. O toque repetiu-se, aflito. Contrariado, atravessou de novo o longo corredor alcatifado, parou junto à porta do apartamento. Pegou no intercomunicador, ao mesmo tempo olhando para o ecrã do *hall* de entrada da rua. Mais irritado do que surpreendido, reconheceu de imediato, na imagem a preto-e-branco ligeiramente desfocada, a colega estagiária, Renascida Ximenes.

— O que foi? — perguntou, irritado.

— Chefe, não atende o *telelé* porquê? — A voz era de impaciência irritada.
— Temos que ir *bergar* a mola, carago.

— Vergar a mola? Quê? Serviço?

— *Serbiço*, pois então.

Cardeira sentiu um arrepio e não soube se era de frio ou de agastamento. Estava nu, apenas com o toalhão sobre os ombros. Era o que desconfiava e temia: tinha-lhe saído a fava. Em vez da folga e do encontro comemorativo com Paloma, ia ter de aturar uma estagiária ventas de cão que cismava em trocar os Vs pelos Bs como forma de afirmação pessoal e demarcação do seu território.

— Dê ao zarelho, homem. — Ela levantou os braços, ansiosa, fixando o pequeno visor. — Despache-se!

— Que dia é hoje?

— 11 de Outubro, *terça-feira*.

— Porra! É um dos meus três dias de folga! Que horas são?

— Oito e *binte* — informou, consultando o telemóvel. De seguida enfiou as mãos nos bolsos do casacão preto de cabedal, com a gola levantada a protegê-la do frio.

— Tão cedo! — exclamou com raiva. — Deitei-me já passava das três da matina — soprou furioso. — Porque temos de ser nós os dois? Eu nem estou de piquete!

— Se mete um homicídio, é com a gente — repontou, impaciente. — Não há pessoal *disponível*, chefinho. Cabeça fracturada à má fila, fique sabendo.

— É um homicídio, diz você?

— Um morto, chefe. E despache-se, que ele está à nossa espera.

— Quem?

— Quem há-de ser, carago? O morto. E olhe que ele tem muita coisa para dizer.

IV

Não saía da cabeça de Joel a imagem do seu amigo Tito Benito, a cabeça fracturada, o cabelo empapado em sangue. No regresso assustado a casa, ele sentia os tumultos do coração a rebentarem dentro do peito. Teve de parar mais que uma vez, ofegante, debruçar-se para o chão, as mãos apoiadas nos joelhos dobrados. Olhou para trás, no temor de que uma assombração o perseguisse. Então não vira os lábios do falecido Tito Benito a exalarem um breve rumorejo?

Meu bom Deus! Ele, o que me queria dizer?

Respirou fundo, o ar frio e húmido a entrar-lhe nos pulmões, como que a reanimá-los. Tinha sido vítima do destino, ele que apenas queria satisfazer esse impulso indescritível de perseguir e disparar sobre um animal bravo. Foi descendo precipitadamente por entre os pinheiros, aqui e ali escorregando na folhagem húmida caída no chão. Procurou evitar os trilhos costumeiros, igualmente o Carvalho do Enforcado, à beira do qual se ouviam vozes angustiadas vindas do chão.

O telemóvel soou dentro de um dos bolsos do camuflado. Deteve-se, atónito. Aquele toque não era seu, nunca tinha ouvido aquela música americana na voz de uma mulher. De mão trémula, retirou o aparelho do bolso.

— Foda-se! — praguejou, calando um grito de raiva. Trouxera o do Tito Benito!

No pequeno ecrã piscava uma luzinha verde e um nome registado: *Rufina*. Era a ama e senhora da casa do Tito Benito, onde ele vivera com os pais até se mudar para o *bunker* na Serra d'Arga. Completamente desorientado, como

se tivesse na mão um carvão em brasa, atirou o aparelho ao chão, calcou-o furioso, blasfemando, até ele se desfazer em peças pequenas. Pegou nelas, enfiou-as no bolso. Para que não o vissem chegar a casa de arma na mão — era preciso evitar todas as suspeitas no homicídio do amigo — fez um escondi-rijo sob uma rocha, meteu lá a arma. Tapou-o com pedras, ramos e caruma. Viria buscá-la ao cair da noite.

Mais em baixo, deteve-se numa pequena ribeira que secava no Verão. Com as primeiras enxurradas de Outono, transfigurava-se num regato de caudal apreciável. Retirou os pedaços do telemóvel. Um a um, lançou-os à água, atento para que nenhum deles encalhasse num obstáculo.

Sorrateiro como um gatuno, cruzou o portão de entrada com duas colunas de cimento engalanadas por duas águias do Benfica. Entrou em casa pelas traseiras — a porta da frente jamais era utilizada —, tirou as botas, pois as ordens da mãe quanto a limpeza eram inquestionáveis. Libertou o corpo do cinto apertado. Ficou-se a olhar para as meias nos pés, pensativo. Pensativo e acobardado.

A Galinhita esperava-o, como se tivesse adivinhado.

— Sabias que eu vinha mais cedo? — perguntou, surpreendido, ciente de que ela não lhe iria responder.

A sala aquecida para onde entrou pertencia ao mundo dos recém-*endinheirados*. Ricamente mobilada, com um conjunto de três sofás em pele, frente a um televisor plasma, de tamanho cinematográfico, com um sistema de *surround sound*. Como se fizesse parte de uma plateia, ao lado do sofá achava-se um cadeirão peculiar na sua amplitude e nos pormenores que o tornavam mais cómodo: sistema de arrefecimento e ventilação ao nível do tronco de quem nele se sentava.

No tampo de uma cristaleira luxuosa encostada à parede estavam várias fotografias encaixilhadas: o Joel fardado de camuflado, junto de outros camaradas, todos empunhando uma G3. Numa ou noutra surgia um árabe, vestido com as suas farpelas típicas. No centro da sala, um conjunto de mesa e seis cadeiras em mogno encerado, estilo rústico — era o restante mobiliário. Velhas fotografias da família penduradas nas paredes. Uma delas, em ponto grande e colorida, exibia um catraio de olhos verdes, cabelo penteado com risca ao lado — era ele, com sete anos, na entrada para a escola primária.

Sentou-se no sofá. Tinha as ideias num turbilhão, sem se fixar em nenhuma. Esteve assim até que ouviu a Galinhita já na cozinha a preparar o

pequeno-almoço para ela própria — uma mistura de leite com cevada e um naco de broa amarela com marmelada caseira que tinha o sabor antigo do tempo das barreiras feitas à mão. Após ser resgatada do galinheiro, manteve a mania de comer a farelada para as galinhas. No entanto, ainda hoje era vista muitas vezes com uma folha de couve nas mãos, que ia comendo com dentadas pequenas.

No quarto, a mãe ressonava fartamente, como se fossem as tubas do inferno. Nos últimos anos pouco mais fazia do que comer, dormir, ver televisão e mergulhar na vida dos famosos através da leitura das várias revistas cor-de-rosa que o filho lhe comprava. Às vezes davam umas voltas de carro, numa carrinha Mercedes-Benz de caixa alta, comprada especificamente para o mastodonte. Nesses dias de passeio — que eram poucos, porque não suportava os olhares incrédulos que caíam sobre si — saía de casa no seu trono de rodas, detinha-se junto à porta aberta da carrinha. Conseguia entrar, fazendo subir o assento do trono de rodas, para depois arrastar-se para dentro da mercedes com a ajuda física de Joel, gemendo pelo esforço de carregar a bazulaque.

Não se deitava na cama sem que a Galinhita a lavasse, exibindo as suas enxúndias sobrenaturais. Vestia as suas melhores fatiotas, pintava o rosto com todo o cuidado, passava um batom vermelho nos lábios. Finalmente deitava-se, exausta, com uma frase que repetia todas as noites:

— Nunca se sabe quando a morte nos chama.

Ligava o imenso televisor, só dela, e com um suspiro de prazer, ajeitando o corpo estendido, comentava:

— Que não desatem os ventos da desgraça.

Quando já sentia a morrinha do sono, retirava a cabeleira postiça. Na cabeceira da cama, uma sineta. Se era para chamar a Galinhita para uma urgência menor, era também para quando sentia o murmúrio da morte a rondar-lhe a alma:

— Não hei-de ir assim às boas — resmungava, fazendo vibrar a sineta com um tilintar estridente como se nesse acto pudesse assustar o fantasma da morte. — Não há-de ser hoje, não há-de ser, não.

Passara para a Galinhita a incumbência das refeições que ela dantes preparava com todos os efes-e-erres. O prato favorito do filho: arroz de cabidela, com frango caseiro, dos que tinham no capoeiro, a que ela dava um toque especial que o fazia único.

— Patroa, não há arroz de cabidela como o seu — elogiavam os amigos do marido quando este os convidava para almoçar. Mas isso tudo tinha passado desde que ele se matara, pendurado pelo pescoço, por causa das dívidas e calotes e a insatisfação do Banco credor. Atolara-se num poço sem fundo e só conseguiu sair dali suicibando-se no maldito Carvalho do Enforcado. A esposa nunca o perdoou. Não tanto pelo acto em si, mas pela cobardia de que estava imbuído.

A Galinhita aprendera todos os segredos da cozinha. Salamurda, magricela e enfezada, pouco mais que anã, tinha, no entanto, uma genica surpreendente, quase satânica. Pouco dormia. Gastava a noite a deambular pela casa, como um soldado de plantão. Passou ela a tomar conta dos afazeres domésticos, das galinhas e do alimento para o cão, o *general Cabul*. A mercearia era encomendada num híper e trazida a casa.

— A Galinhita é virgem — confidenciou um dia ao filho. Este anuiu com um abanar de cabeça. — Havias de a levar ao céu, Joelinho.

— Foda-se, mãe. É uma criança.

— Não cresceu, foi o que foi. Vá, filho, pensa nisso. Era uma misericórdia tirar-lhe os três.

Preocupava-a a virgindade de uma qualquer mulher nascida para parir. Agora que abandonara as lides domésticas, engordava, dominada por uma fome medieval. Era também conselheira nas negociatas do filho e dos dois amigos — o Tito Benito e a Esperança — escudada na sua madureza de vida e nas premonições de vidente.

Joel esteve sentado uns minutos, a recuperar algum discernimento.

— Mãe — chamou, fazendo um esforço para não dar mostras dos tumultos inopinados da alma —, já aqui estou.

Levantou-se e aproximou-se da porta do quarto dela, que nunca fechava.

— Bem sei — declarou ela. — Dá-me aqui uma mão para me sentar. Vieste cedo. Não me agrada que vás caçar quando sopram os ventos da desgraça. Coelhos?

— Nada. Como não levei o *general Cabul* — justificou-se —, o que é que andava lá a fazer?

No televisor do quarto passavam notícias sobre a preparação das comemorações do dia seguinte em Fátima — era o 12 de Outubro. Para ela não era mais que uma curiosidade, porque sabia das coisas da vida e da morte. Apercebeu-se das suas capacidades quando há muitos anos, casada de fresco, sentiu uma mão a apertar-lhe o pescoço que não lhe permitia respirar.

Desmaiou. Tombou no chão da horta que ela própria tratava. Quando veio à si, entrou em casa, lavou as mãos, braços e rosto. Vestiu roupa escura, tapou a cabeça com um véu preto. Sentou-se num banco na frente da casa e aguardou a notícia que ela já adivinhava. O marido enforcara-se no carvalho dos suicidas.

Ouviu ao filho um suspiro de abatimento, as costas curvadas contra o que era seu costume.

— Joelinho, o *Cabul* morreu — informou, limpando com toalhetes olorosos as grutas dos sovacos que cheiravam a suor.

— Você como sabe?

Antes de responder, soergueu-se com dificuldade, ficou encostada à cabeceira da cama. Limpou a cabeça despelada, colocou nela a cabeleira feita de cabelo natural, acomodando-a melhor com o trabalho minucioso dos dedos. Só depois é que respondeu ao filho, que continuava encostado à ombreira da porta.

— Sei. É pecado deixar um bicho assim sem tratar dele — proferiu com maldosa candura. — Que as boas almas te perdoem.

Ele tinha bem presente, como um aguilhão, o que presenciara lá em cima — a seus pés, um morto que não era nenhum anónimo. Ser maqueiro no hospital não era mais do que uma manobra de diversão para camuflar a sua outra actividade clandestina em parceria com a Esperança do Resgate: aquela que exercia com o Tito Benito, fornecendo a revendedores seleccionados umas anfetaminas onde cabiam todos os prodígios — pastilhas azuladas, sarapintadas de castanho: *as sarapintas do paraíso*.

V

À entrada do prédio onde morava o colega Cardeira, a estagiária Renascida Ximenes enregelava pelo frio bracarense. No diálogo que mantinham pelo intercomunicador, ele não queria acreditar que sendo o seu dia de folga, tivesse sido convocado para a investigação. Ela calou-se por momentos, virada para alguém que a interpelava no passeio. Falou alto, assanhada.

— É só um minuto, meu senhor. *Relax, relax*, que já tiro a *biatura*. — Acrescentou a seguir, num tom de provocação, dando um passo, quase desaparecendo do visor. — Como? Olhe para mim, que estou a tremer de cagufa! E não se arme em azeiteiro, que eu não andei na costura com *bocê!*

— Ximenes! — ralhou Cardeira de auscultador na orelha, temendo o pior. — Não me arranje nenhuma confusão de brócolos logo pela manhã e aqui à porta de casa.

Os olhos negros como uma noite de lua velha voltaram-se para o visor:

— É que estão aqui dois sostras a chatear-me a mona! — enunciou, cáustica. — Escute, inspector, o *cadáver* ainda não foi identificado, mas eu já sei quem é.

Ele percebeu-lhe o entusiasmo de novata por algo de importante.

— Sabe? Mas como é que sabe?

— Sei, pronto. Dê corda aos sapatinhos, que eu depois explico-lhe. Está cá um briol, meu — comentou, aconchegando o casaco ao corpo.

— Já lá estão os técnicos forenses?

— Os três, mais o médico e os agentes da GNR. Estes foram os primeiros a chegar.

— Mau, porra! — resmungou Cardeira, esfregando os braços nus com as mãos. — Sendo assim, o que vamos nós lá fazer? Os técnicos forenses chegam lá e arrumam o problema em dois tempos.

— O chefe está meio *pirolas* da cabeça — acusou, boquiaberta com o disparate. — Não me diga que está de ressaca amorosa. — Caiu nela, já depois de lhe ter saído da boca uns disparates, esquecendo-se de que ele era seu superior e ela ainda uma estagiária que precisava de dar provas.

Todavia, com o seu colega era espontânea, honesta, sentia-se bem no trabalho com ele. Por mais de uma vez ouvira a rabeçada seca de Cardeira:

— Atenção, estagiária, tento na língua.

O certo é que Ximenes apanhava-o frequentemente nas nuvens, tinha de repetir o que acabara de dizer, pois ele não prestava atenção. Quantas vezes num local do crime, ele observava os vestígios sem ver, observava as pegadas, observava o rasto de sangue, observava, observava, mas não observava nada. Ela sabia, oh, se sabia! Que ele andava apanhado do toutiço, que havia moura na costa e que essa moura virara o homem do avesso. Essa moura designava-a Ximenes por *Only You*, tantas vezes ouviu a canção de chamamento no *smartphone* particular dele.

— E o resto do pessoal dos Homicídios? — perguntou Cardeira, apoiando-se na perna esquerda para aliviar o joelho.

— Estão para Aguiar da Beira.

— Todos?

— Sim, chefe, todos. Para Aguiar da Beira.

— Onde raio é isso?

— Beira Alta, acho eu.

— Fico na mesma.

— Olhe, se quer saber a minha opinião, acho que a Serra da Estrela fica na Beira Alta, não lhe sei dizer mais nada. Ou melhor, sei. É para as bandas de Arouca.

— Ah, Arouca, a do clube de futebol.

— Está lá tudo, ou quase. Nós e o departamento do Porto. Esta madrugada foram mortos dois GNRs e dois *cibis*. — Esperou que ele fizesse algum comentário. — Não *biu* as notícias, carago? Não se fala noutra coisa. — Virou a cara para a rua, soltando uma exclamação irada: — *Bai* chamar a polícia, meu caro senhor? — Fixou de novo o visor e insistiu com Cardeira. — Despache-se, que tenho ali dois trengos a fazer alto basqueiro. Eu espero no carro. Está um frio que não se pode. — Encarou a rua para dizer, enfurecida: — Esperai

mais um minuto, *OK? Bós ides* jogar ténis, já percebi pela fatiota, mas eu estou em serviço, bacanos! Como disse? Ora, ora, *biculaite*, amigo.

— Ouça! — gritou Cardeira, exaltadíssimo, receando que a precipitação de Ximenes viesse a dar raia. Não era a primeira vez. Ela fervia em pouca água, já a tinha avisado. Mas aquela rebeldia estava-lhe na massa do sangue.

— Eu vou-me arranjar e desço já. Tenha calma, *OK?* Tenha calma e feche-me a porra dessa matraca.

Colocou o intercomunicador no descanso, mas ainda a tempo de ouvir a barafustação assanhada da estagiária por cima dos protestos irados de vozes masculinas. A rapariga passava-se dos carretos por dá cá aquela palha. Desde que a tinha como novata, perguntava-se muitas vezes: mas como é que ela não tinha sido excluída do curso?

VI

A bela e exótica mestiça Renascida Ximenes tinha ingressado no curso de acesso à Judiciária em 2013, com quase trinta anos, sendo a mais velha do grupo de instruendos. Durante o tempo de instrução percebeu-se que ela não era boa de assoar. Foi repreendida verbalmente por causa das suas atitudes respondonas como que a desafiar os superiores. Não se lhe admitia o disparate da indisciplina, coisa que não se admitia a ninguém. Mas na hora da verdade, punha todos de boca à banda, porque nas provas escritas sacava as melhores notas, e nas provas físicas desafiava os colegas mais exercitados. E nas aulas, perante os dados de um homicídio teórico, fotografias, identificações e considerações manuscritas expostas no amplo diagrama de Venn, dava mostras de sagacidade e de sólidos conhecimentos de criminologia. Os colegas ruminavam raivinhas.

Além disso, tinha uma estranha capacidade intuitiva, como se cheirasse a melhor e mais correcta linha de investigação.

— Ximenes, como raio acertas tu na opção a tomar?

— Tenho um dedo que *adibinha*. — Acariciava a cruzinha de prata pendurada no lóbulo da orelha esquerda, que pediu para manter com um argumento que não convenceu ninguém. — Quando acabar o curso, tiro.

A cruzinha foi ficando, já que os instrutores, vendo em que paravam as modas, estavam convencidos — e desejavam — de que ela não chegaria ao fim. Os colegas tinham vindo quase todos de um tempo de universidade com muita folia e regabofe, onde não faltaram chumbos, charros e linhas de cocaína. Eram quase todos filhos de paizinhos abonados, pesarosos pelo insucesso